

CRISTIANE MARE DA SILVA

1

Apenas um vocabulário grandioso pode conter o significado para os milhões de pessoas que não tinham reconhecido nenhum dos direitos designados pela palavra liberdade. (Nadine Gordimer, 2014, 14)

A presente comunicação fruto do meu projeto de pesquisa intitulada *A Poética da Esperança: Um estudo sobre os Sentidos Políticos dos Discursos e memórias de Nelson Mandela*, se desenvolve em meio à morte deste líder sul-africano, que nasceu em 18 de julho de 1918, em Mvezo na cidade de Transkei e fez a travessia para a ancestralidade em 5 de dezembro de 2013 em Joanesburgo. A maior parte de seus noventa e cinco anos de vida foram devotados a luta pelos direitos políticos daqueles cujos dias, se entrelaçavam a homens e mulheres que acreditavam serem melhores, primeiro por sua conquista do território sul africano e, em segundo momento pela crença por sua superioridade biológica.

O presente nos enreda em meio as comemorações dos vinte anos do término do regime segregacionista conhecido como Apartheid. Narrativas produzidas a partir de bilhetes, cartas, diários compoendo ao longo da década de noventa e de dois mil as principais obras e documentários sobre sua trajetória. Estas escritas sensíveis e ordinárias emergiram em minha pesquisa tendo biografias e autobiografias como as principais fontes. O que tem me instigado não é a tradução do que verdadeiramente ocorreu como a ilusão de um romance realista, porém o

¹ Pontifícia Universidade Católica de São, Mestranda em História Social, bolsista do CNPq

ofício de investigar as leituras de mundo deste que representaria *a sociedade arco-íris*². Para tanto, apresentarei as principais obras biográficas das quais foram estruturando este mosaico do qual me encontro por vezes como a personagem de *O Mundo se Despedaça* (Chinua Achebe, 2009) autor nigeriano. Okonkwo se situa em sua Umuófia cujo enredo da obra literária nos joga para as tradições do mundo Ibo o significado da ancestralidade, de um mundo em que o cerne é o comunitário, uma existência que é partilhada em comunhão com todos, porém um estranho se aproxima, eis a colonização chegando, porém está nunca chega só ela vem acompanhada da violência, do consumo, da tentativa exaustiva da sujeição de corpos e mentes, e por fim o progresso e a modernidade se instalam.

Deste modo, esse trabalho é também a oportunidade de estarmos novamente do outro lado do Atlântico, não apenas restituindo as ruínas mas a beleza daquela cuja vivacidade ainda persiste. O protagonista das biografias e das autobiografias nos revela o mundo das tradições das populações Xhosa situado na África Meridional uma sociedade pastoril, que assim como a personagem de Chinua Achebe conhecerão brancos na crença de serem deuses, ao invés de um oráculo a constituição dizendo-lhes quais são as regras, qual caminho a seguir para a sobrevivência, a racialização de seus corpos. Ambos são testemunhos entre dois rios.

Ao curso destas páginas as biografias analisadas serão, *Mandela A luta é a minha vida*, organizado pelo *Fundo Internacional de Defesa e Auxílio de 1989*, a primeira edição é de 1978 em inglês. *Os Caminhos de Mandela Lições de vida, amor e coragem*, de 2010, cujo autor é Richard Stengel. E, por fim, *Nelson Mandela: Conversas que tive Comigo*, 2010 (autobiografia).

A língua foi o primeiro recorte para o levantamento do material e conseqüentemente a tentativa foi a de empreender o maior número de documentos que me possibilitassem refletir sobre a diversidade cultural, a segregação na África do Sul, e as leituras que abarcam as experiências de Mandela ou igualmente poderíamos chama-las de vozes que configuram as biografias direcionadas.

Vavy Pacheco Borges em sua importante contribuição para o estudo destas fontes em *Grandezas e Misérias da Biografia*, explicitará os desafios, os limites e a beleza em se trabalhar

² Falar sobre a Sociedade Arco Iris

com este tipo de escrita, destaca a etimologia da palavra da qual iremos sublinhar por diversas vezes neste artigo

Ao começar a me preocupar com os trabalhos sobre a biografia, eu não tinha ideia que esse termo tivesse surgido tão tarde, oriundo do grego bios= vida e graphein=escrever, inscrever, acrescido de ia, um formador de substantivo abstrato. No mundo antigo, o termo biografia como “relato de vidas” parece ter ocorrido pela primeira vez em Damásio, cerca de 500 d.c. (Borges, 2006, p.204)

Oriundo do grego a palavra biografia encontrou alicerce na sociedade ocidental moderna, em que torna-se também a celebração do indivíduo. Hoje a escrita de si, encontra-se entre as obras mais procuradas, por motivos que vão desde a vida como espetáculo, as pormenorizações do sujeito, na tentativa de humanizar figuras simbólicas e evidenciar o quanto sua vida pode assemelhar-se á do leitor. Inúmeras são as aproximações entre este relato de vidas e seu público, também são plurais as técnicas de escrita para a elaboração deste documento, o estilo discursivo do biógrafo, as fontes apresentadas, o modo como enreda as suas narrativas. Todos esses elementos nos são significativos.

Se a biografia tem ganhado público cada vez mais interessado na vida e nas singularidades de celebridades do mundo pop, de políticos e, intelectuais, também a história assim como a própria literatura tem reabilitado uma prática que nunca esteve em desuso a Biografia. Pela história incorporada como documento histórico, para a literatura novamente resgatada como gênero literário, assim como indica Compagnon

Após o estreitamento que sofreu no século XIX, a literatura reconquistou desse modo, no século XX, uma parte dos territórios perdidos: ao lado do romance, do drama e da poesia lírica, o poema em prosa ganhou seu título de nobreza, a autobiografia e o relato de viagem foram reabilitados. (COMPAGNON, 2010,34)

O Fundo Internacional de Defesa e Auxílio para a África Austral (IDAF) organizou em 1989, *Mandela A Luta é minha Vida*, o relato trabalha com uma cronologia da vida do então prisioneiro político que começa com a Liga da Juventude no Congresso Nacional Africano, o sumário foi dividido nas notas da edição brasileira e inglesa, prefácio de Jennifer Dunjwa

Blagberg, Introdução, Discursos Escritos, Documentos e Memórias da Ilha. Ela nos reserva uma biografia linear que inicia nos anos de 1944 e finaliza com honrarias para Nelson Mandela no Brasil e em vários outros países com informações até julho de 1988. São as campanhas, datas de julgamentos, artigos escritos e publicados no jornal francês Libération entre 1955 e 1959, seus depoimentos darão o ritmo e a enunciação de cada capítulo a biografia se constitui em um enredo em que os organizadores parecem apenas observadores imparciais. Michel Trebistch citado por Vavy Pacheco Borges, “Na “biografia clássica o biógrafo é o juiz, emitindo valores e apreciações sobre o biografado; na “biografia romântica”, ele é observador e imparcial”. (Borges,206,217,218)

No período em que se inscreve o desenvolvimento dessa biografia, Mandela ainda está em negociação para a sua libertação. Outrossim me chamou a atenção na obra a editora pela qual foi publicada, no Brasil. O texto foi publicado pela editora globo, e nesse compêndio a empresa também tornou-se alvo de minha curiosidade. Quiças fosse apenas um dado a mais na pesquisa e não um elemento do qual iria dispor minhas energias, porém no prefácio da obra escrita por Jennifer Dunjwa Blajberg, julho de 1988. No final de sua linda abertura da qual tece loas a resistência sul-africana, evidencia como através dos batustões (Estados independentes) e Bantu Education (Educação Bantu) do qual o ministro da educação Hendrik Verwoerd implementou continha a técnica para manter as populações em lugares predestinados a segregação, ela passará também a dizer-nos para qual público o livro é endereçado, e quais a intencionalidade de publicar no Brasil uma obra com tal porte, Segundo Blajberg

Mandela recusou a anistia que queriam conceder, caso concordasse em viver no “Estado independente” cuja capital era sua cidade natal. Esta compreensão do alcance da discriminação racial alimentou a luta do povo sul-africano contra o regime da minoria branca, unindo diversos setores da comunidade negra (IDAF,1989 p.13)

A leitura do prefácio me apontou alguns indícios ao começar com a expressão acima Comunidade negra, está expressão faz sentido para os povos da diáspora e não para um país como a África do sul em que as culturas é que definem o seu lugar de pertencimento, os jornais e alguns documentários da época também utilizarão as palavra negro no intuito de apontar uma

homogeneidade com a finalidade de fomentar a incapacidade daquele país em se autogovernar, já que não pluralizavam que ser Xhosa, Zulu, Khoi os remetiam a um outro grupo de pertencimento, pois não se enredavam as mesmas lógicas raciais do ocidente.

Também é explícito a quem a biografia é destinada,

Os movimentos negros acabam por empregar táticas de chantagem política individualista e de autovitimização, que só fortalecem o paternalismo, o qual, em última parte coopta grande número dos que resistem ao racismo no Brasil. (IDAF, 1989,15)

A editora Globo, nos apresenta na escolha de quem desenvolveria o prefácio para o livro no Brasil, sua posição política e ideológica referente as lutas que vinha travando os movimentos negros no país. Uma empresa que vem se consolidando desde a ditadura como um importante espaço hegemônico e de obstrução de direitos civis para uma significativa parcela da população brasileira. Importante lembrarmos que neste momento os diversos movimentos negros no Brasil estavam discutindo o centenário da abolição no país, igualmente já se vinha construindo as discussões das quais se tornariam as políticas de ações afirmativas. Com tal prefácio a editora nos apontava que os afros do país, ou os que aqui tiveram que ao longo de sua existência reinventar modos de existência para contrapor as segregações raciais não eram o seu público alvo. Se torna interessante que a obra de um dos maiores líderes da luta antirracista, símbolo do movimento negro na diáspora africana, tinha como principal interlocutor os brancos do país. Por isso todo relato, se faz tão importante, são nesses meandros que a pesquisa vai traçando novas investigações. Na produção de uma obra todos os interlocutores que de algum modo a influenciam, estão presentes nela, portanto nenhum elemento deve ser desprezado, pois acabam remetendo-nos a rincões dos quais não havíamos nos questionado quanto investigadores.

Destarte essa escrita bibliográfica tem como desafio narrar o cotidiano, a possibilidade de trazer a subjetividade do sujeito para o centro da pesquisa, e os vários enlaces de toda produção que tem como finalização o livro como material, deste modo possibilita ao historiador o desafio de trabalhar com ferramentas cujo foco está nestes diversos enunciados e as identificações multifacetadas de uma escrita moderna , organizar essas vozes muitas vezes contraditórias

presentes na biografia, e analisá-las com o cuidado necessário de todo documento, se apresenta como um estímulo ao mesmo tempo aponta para limites do pesquisador, que trabalha invariavelmente com a representação.

De acordo a Sabina Loriga

A redescoberta da biografia remete principalmente a experiência no campo da história atentas ao “cotidiano”, a “subjetividades outras”: por exemplo, a história oral, os estudos sobre a cultura popular e a história, de trazer para o primeiro plano os excluídos da memória, reabriu o debate sobre o valor do método biográfico. (Loriga,1998, 225)

Os Caminhos de Mandela Lições de vida, Amor e Coragem, cujo biógrafo foi o autor Richard Stengel nos apresenta capítulos emblemáticos, retirados de fragmentos de diálogos de Mandela, totalizando quinze capítulos, em que nos revela um Mandela com vícios humanos com complexidade, contradições e medo. Este inicia a sua introdução contando-nos como fora conviver anos de sua vida ao lado de Nelson Mandela Colaborei com Nelson Mandela na sua autobiografia. Trabalhamos juntos por quase três anos, e durante grande parte desse tempo o vi quase diariamente. Viajei com ele, fizemos refeições juntos, amarrei seus sapatos. (2010/. 16. Como afirma Vavy Pacheco “Penso que as melhores biografias são aquelas em que o autor não só não se esconde, mas constrói a narração de certa forma acompanhando seu percurso de pesquisa.” (Borges,2006, 218)

A África do Sul, localizada na África Meridional, sofreu consequências da expansão do colonialismo e do capitalismo Ocidental. Tendo em vista que a partilha do território, e o *epistemicídio*³ do continente foram compartilhados por todos que compunham aquelas fronteiras. O continente africano há muito tinha relações mercantis com estados de outros países, porém segundo Roland Oliver é no século XIX com a mudança do comércio internacional que o continente passará por grandes transformações, em que a entrada de europeus em busca de pessoas e produtos, tornou-se uma constância.

³ Boaventura.Prefácio.

O século XIX assistiu a uma mudança radical no ritmo do comércio internacional, o que acarretou uma ampla invasão do continente africano por caravanas baseadas na costa, algumas das quais por lideranças não-africana. As expedições cada vez mais abriam seu caminho para o interior, utilizando, se necessário, a força. . . (OLIVER, 1994,181, 182)

Ao mesmo tempo é importante evidenciar que a invasão e desestabilidade dos territórios africanos não ocorreram de modo homogêneo, na África Meridional composta por Botsuana, Angola, Moçambique, Malawi, Zimbábue, Zâmbia, Suazilândia, Lesoto, Angola, África do Sul e Namíbia. Segundo o mesmo autor

A desestabilização das sociedades da África meridional começou, num certo sentido, no começo do séc XVII, quando pequenos grupos de brancos da colônia holandesa do Cabo, equipados com pistolas, cavalos e carros de boi, começaram a comerciar e a disputar o gado com os pastoralistas khoi do interior imediato. (OLIVER,1994,189)

Mandela nascia em 1918 no fim da primeira guerra mundial, que já tinha como consequência a disputa econômica no ocidente. Nosso protagonista é fruto de um mundo em transição ainda pertencente ao mundo pastoral Xhosa, em que a oralidade e a tradição são cernes, e de outro com as vistas para a sociedade moderna cujo indivíduo e a construção de sua singularidade, autonomia são essenciais e preponderantes. É no construto da sociedade moderna que o conceito de raça irá se desenvolver e criar estruturas sociais para que seja possível, ao racializar igualmente transformar este outro em um produto a mais do capital.

Os Bantu que viviam a leste da Colônia do Cabo foram mais importantes a longo prazo do que os Khoi. Tratava-se dos Xhosa, o mais meridional dos povos nguni, e estavam presentes em quantidades que excediam em muito áqueles dos colonizadores. (OLIVER. 1994,189,190)

São essas algumas das dicotomias e conflitos dos quais viverão os sul africanos. E neste cenário desolador que Mandela membro do Congresso Nacional Africano se apresenta como alguém capaz de inspirar e de traduzir lutas em sonhos possíveis.

Palavras e ações criam uma carga semântica em que o coletivo parecia tornar-se mais forte do que a proposição do pronome singular máxima da modernização ocidental Eu, como meio irresoluto de todos os conflitos, Deus de todos os ideais, onde desejos, aspirações e crescimento tudo podem neste em que confio e do qual se dedica fervorosamente, o culto de um Deus cuja imagem e semelhança tem criado igualmente o epistemicídio daqueles cujo espelho o refletem.

A modernidade caracterizou a desumanização de brancos sobre a população nativa naquele país, a restrição do movimento de pessoas por sua pigmentação de pele, o massacre de Shaperville de 1960, a baixa educação conferida aos não brancos e uma legislação racista. Portanto os pensamentos e memórias de Nelson Mandela não se configuram como uma dicotomia que pende ou para o racismo de brancos ou para o racismo dos negros, porém á renovação destas experiências e de culturas tão distintas das quais feitos históricos proporcionou que compartilhassem dos mesmos territórios.

Através do Ubuntu e articulação política sua voz nos pareceu dissonante, capaz de trazer esperança, a corações flagelados. O ex-prisioneiro conhecido fora de suas fronteiras criou relações em que as pessoas fossem capazes de ouvir umas ás outras por instantes. A tempo de uma guerra civil ergueu uma ponte capaz de apontar para o horizonte, um futuro novedoso do qual aquelas diferentes comunidades pudessem partilhar.

Algo foi possível naquele país onde a segregação dava a tonalidade das relações, um novo modo de construir as relações teve que ser engendrado para que as pessoas pudessem voltar a acreditar. Vasculhar a vida de Mandela, um sujeito que representa politicamente a transição de um século na África do Sul carrega consigo muitas sementes. De um lado a esperança que novas relações podem ser construídas mesmo na modernidade e que quem sabe esta não tenha tirado de nós todas as sementes capazes de ser cultivadas em outros solos.

Em *Conversas que tive Comigo*, autobiografia de Nelson Mandela de 2010, ao mesmo tempo que nos chama atenção para uma escrita que nos remete a uma narrativa por vezes próxima a uma escrita literária. Com empregos de conotação, em que as metáforas ganham corpo na tentativa de nos aproximar a cultura xhosa da qual Mandela forjou seus primeiros valores, os detalhes na descrição das paisagens e dos sujeitos que compõe a biografia, uma leitura que nos atrai pelo suspense, a curiosidade e o desafio de um narrador onipresente, a semântica deste texto é capaz de propiciar ao leitor um mergulho íntimo na vida de Madiba, provocando-nos descobertas.

Sendo assim Nelson Mandela *Conversas que Tive Comigo* e as demais biografias apresentadas, estes textos em colaboração com outros documentos contribuem para perceber como a personagem compreendeu os acontecimentos políticos que forjaram a segregação na África do Sul e, como a partir destas leituras pôde propor ressignificações ou outras possibilidades históricas. É importante evidenciar que o trabalho não tem como foco a verossimilhança, que tem como partida nem a verdade nem a mentira mas o que nos pareça possível, e sim como ele foi capaz de travar diálogos com o mundo do qual fez parte e as diversas visões de mundo que compõe os diálogos do biografado, dos próprios autores das obras, e demais sujeitos que organizam e ilustram o material biográfico. Em que todos os elementos importam, pois todos permearam suas posições políticas e ideológicas no produto que igualmente tem seu público.

Nos chama atenção que a mesma Modernidade tendo como centro o indivíduo branco por excelência, porque os demais corpos racializados tendem a ser interpretados dentro de uma lógica do coletivo e de estigmas. É a mesma que permite a explosão de biografias, documentários e filmes deste líder encarcerado por 27 anos, nos apontando para as contradições da modernidade.

São nessas literaturas insurgentes, nestes caminhos e experiências pós-coloniais e pós-raciais que novas poéticas apontam para um mundo em que a esperança pareça ser possível, em que as diversas línguas e modos de pensamentos inseridos por povos outrora tidos como bárbaros e primitivos, apontam para renovações no pensamento político e nos campos de conhecimento

produzindo o que Antonietta Antonacci situa como abalos no predomínio norte ocidental. O que nos traz a lembrança um fragmento de Mandela:

Nada de cantar enquanto estão trabalhando”. Assim vocês realmente irão sentir a dureza do trabalho... E é claro incluíram no código disciplinar um regulamento que proibia cantar e forçavam seu cumprimento. Nós os escutávamos... e quando voltávamos para nossas celas, especialmente na noite de natal e do ano-novo, organizávamos concertos de canto e cantávamos. Assim eles finalmente se acostumaram com aquilo. (MANDELA, 2010, 47)

O canto e a memória, memória esta da qual Nelson Mandela tende a explicitar com grande veemência, “*nunca deixei meus costumes de camponês*”, costumes estes que elevavam a sua autoestima e dos outros companheiros, as canções lhes fortaleciam, igualmente a resposta do outro, a canção incomodava aos brancos donos de tudo, inclusive de seus corpos. O desejo do retorno a sua Qunu lugar onde viveu a infância, retorno a uma África pós-racialista, a raça, o negro, o primitivo, substantivos criados para prenderem as populações que não poderiam incluir-se na luta de classe, aqueles vistos como entretenimento de circos e encontros em uma memória que se rearticula com o presente e é capaz de produzir novos símbolos, desse modo a tradição é sempre constante e renovada pelos novos signos do presente. Igualmente de um espaço que como afirma Kazadi Wa Mukuna no prefácio do livro *Memórias Ancoradas em Corpos Negros*.

Na África, a música tem papel fundamental e função em todos os aspectos da vida, do nascimento á morte. Para os vivos, é uma ferramenta didática usada para instruir os membros de uma geração mais jovem a seus papéis como membros efetivos de suas comunidades.

Música e dança funcionam como um meio de comunicação e documentação e servem como ferramentas essenciais para a tradição oral. (MUKUNA. Prefácio. In: ANTONACCI, 2013)

Algo nos diz que a tradição não foi derrotada pela Modernidade, e que são as tradições da África do sul que renovam a política que é o cetro da modernidade. Conseguir afirmar que a tão almejada modernidade foi estéril de experiências capazes de solucionar problemas ou barbáries que a mesma produziu tais como a segregação, o Apartheid, a divisão humana por

raças me parece um grande empreendimento. Mandela propõe a superação de uma das mais brutais e engenhosas formas de dominação política da modernidade, que combina terror, burocracia e racismo. A transformação ou esse período transitório veio das experiências de alguém que como Madiba pudesse beber de seu passado, e produzir apelos.

Relembrando esses dias, sou inclinado a crer que o tipo de vida que levei em casa, minhas experiências trabalhando e brincando juntos nos campos, me introduziram muito cedo á ideia de esforço coletivo. (MANDELA, 2010,31)

O zelar e o olhar carinhoso que o mesmo guardou para os seus, esses fragmentos são muito importantes para se compreender os caminhos de Mandela, capaz de flertar com dois mundos sem se embebedar na ilusão da superioridade ocidental. Esses novos espaços se constroem em processos de intervenções e são capazes de reescrever a nossa comunalidade humana e inovam e interrompem a atuação do presente, essas literaturas e leituras passam a ser também a literatura do reconhecimento e de resistência.

Durante a minha vida, dediquei-me a essa luta do povo africano. Lutei contra a dominação branca e lutei contra a denominação negra. Acalentei o ideal de uma sociedade livre e democrática na qual as pessoas vivam juntas em harmonia de oportunidades iguais. É um ideal para o qual espero viver e realizar. Mas se for necessário, é um ideal pelo qual estou preparado para morrer. (MANDELA, 2010, 63)

Se tornaria prisioneiro até 1990, mas ao proferir este discurso Mandela não foi apenas contra o modelo de segregação racial ele se opôs ao modelo de pensamento ocidental engendrado pela modernidade, em que a raça foi estruturante para aquele país em que tinha na vigência de sua constituição a sua legalidade, ao afirmar lutar pela dominação branca e pela dominação negra, acredito que inicia neste momento o caminho para a liberdade da África do Sul, a liberdade de brancos e negros ou pelo menos daqueles anos sombrios de sua história.

De acordo a Vavy Pacheco Borges sobre o perigo do finalismo ou de um destino pré-destinado, em que retira dos sujeitos suas escolhas

O perigo de uma falsificação por meio desse finalismo tem de estar bem claro desde o início da pesquisa: é preciso tomar cuidado para não mostrar que a vida se

encaminhava para o final que teve, que tudo aconteceu foi para levar a pessoa àquele papel na história, àquele final de vida. (BORGES, 2006, 224)

Portanto as percepções de Mandela, se apresentam como alternativas ao meio cultura(l em que vivemos dominado por uma desigualdade racial assustadora, porém como afirma Nelson Mandela Coragem não é ausência de Medo (Mandela, 2010, página. 29) logo, essa desigualdade não pode nos paralisar, não pode se tornar jamais maior que nossos sonhos, pois a coragem não é uma habilidade inata ela é a decisão cotidiana de persistirmos diante as impetuosidades e opressões cotidianas. Algo nos diz, que os estudos dos discursos do Velho Madiba, pode nos ajudar a compreendermos os dilemas do mundo contemporâneo, marcado pela globalização, pela hegemonia de ideologias neoliberais assentadas na precarização do trabalho, na desmontagem do Estado de bem estar social e na naturalização da desigualdade frutos do progresso e da modernidade.

Neste emaranhado de promessas que a biografia nos chega como um documento possível na tentativa de apreendermos em Mandela a Poética da qual o trabalho se propôs a introduzir, não é o retrato, tampouco a personificação de Madiba que buscávamos, era justamente as pluralidades, as contradições, a humanidade e os caminhos possíveis de um mundo que ainda está por vir, mas que começou a ser semeado naquele pretérito.

Cada uma das biografias rapidamente analisadas trazem um produto novo, a primeira aponta para uma personagem da luta antirracista cuja bibliografia não tem como público os segregados do país, uma obra romântica que se apresenta como uma seleção de documentos, dos quais ficaria ao leitor o trabalho da interpretação e juiz de valor. Já na obra de Richard Stengel cujo enredo, e elementos da narrativa, revela uma obra mais contemporânea em que o autor parece construir a fala em diálogo com Mandela, um narrador onipresente do qual tece ao longo da aventura narrativa pontos de vista sobre os acontecimentos. Em sua autobiografia, o que mais me chamou a atenção são as memórias da infância e juventude que Mandela sempre traz à tona, como um retorno constante aquele tempo, é dela em que retiro parte das falas minuciosas dele, em que o passado se torna inevitavelmente a chave para o futuro da África do Sul.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai.** A África na filosofia e na cultura. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ALTER, Robert. **Anjos Necessários Tradição e Modernidade em Kafka, Benjamin e Scholem.** Rio de Janeiro: Imago Ed, 1992.

ANTONACCI, Antonieta Maria. **Memórias Ancoradas Em Corpos Negros.** São Paulo: Educ, 2013.

BARROS, Antonio Evaldo Almeida. **As faces de John Dube: memória, história e nação na África do Sul.** Salvador, 2012. Tese (Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos) – Universidade Federal da Bahia (UFBA).

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1 Artes de Fazer.** Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

COLEÇÃO GRANDES CIENTISTAS CLÁSSICOS. Organizador: Flávio R. Kothe. **Walter Benjamin.** São Paulo: Ed Ática. 1985

D'ADESKY, Jacques. “**Pluralismo étnico e multiculturalismo**”. Revista Afro-Ásia nº19/20, 1997, 165-182. http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia_n19_20_p165.pdf

FRANÇA, Renné; CABECINHAS, Rosa. “**A cor da esperança**”: as representações de Nelson Mandela na Revista Veja. Observatório Jornal, vol. 4, n.1, 2010, 289-322.

FANON, Frantz. **Los Condenados de la Tierra.** México: Fondo de cultura Económica, 1963.

GUIMARÃES, Antonio Sergio. “**Combatendo o Racismo: Brasil, África do Sul e Estados Unidos**”. Revista de Ciências Sociais <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v14n39/1724.pdf>

MANDELA, Nelson. **Nelson Mandela A luta é minha vida.** São Paulo: Globo, 1989.



MANDELA, Nelson. **Conversas que tive comigo/Nelson Mandela**. Rio de Janeiro: Rocco, 2010

STENGEL, Richard. **Os caminhos de Mandela**. São Paulo: Globo, 2010.

SILVA, Márcio Seligman. **História, Memória, Literatura O testemunho na Era das Catástrofes**. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.